



VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: CRENÇAS E PRÁTICAS DOCENTES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

LINGUISTIC VARIATION IN PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING: TEACHING BELIEFS AND PRACTICES IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY EDUCATION

VARIACIÓN LINGÜÍSTICA EN LA ENSEÑANZA DEL PORTUGUÉS: CREENCIAS Y PRÁCTICAS DOCENTES EN LOS PRIMEROS AÑOS DE LA EDUCACIÓN PRIMARIA



<https://doi.org/10.56238/levv16n47-120>

Data de submissão: 20/03/2025

Data de publicação: 20/04/2025

Aline Cristina Nascimento da Silva Costa

Mestranda Linguística e Ensino

Instituição: Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

E-mail: alineto_kamille@hotmail.com

RESUMO

Este estudo aborda a necessidade de incorporar a variação linguística em sala de aula de Língua Portuguesa (LP) para evitar o preconceito linguístico associado à prática comum de privilegiar a Gramática Tradicional (GT). O objetivo geral é investigar como os professores do Ensino Fundamental séries iniciais, que lecionam a língua portuguesa concebem e abordam a variação da língua, em suas aulas, em uma escola pública de Fortaleza, compreendem conteúdos sobre variação linguística, com ênfase em crenças e ações, a partir de uma sequência didática (SD) estruturada em torno do gênero textual Convite, visando práticas pedagógicas inclusivas. A fundamentação teórica se apoia na Sociolinguística (Labov) e em autores como Antunes, Bagno, Bortoni-Ricardo e Martelotta. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa-ação qualitativa, descritiva e aplicada, com uma sequência didática proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly. Esta pesquisa é relevante, pois pretende discutir uma proposta que nos parece significativa para a qualidade de ensino, o pensar sobre a língua e as suas variações linguísticas, promovendo um letramento crítico por meio de diferentes gêneros textuais.

Palavras-chave: Formação Docente. Língua Portuguesa. Variação Linguística. Sequência Didática. Convite.

ABSTRACT

This study addresses the need to incorporate linguistic variation into the Portuguese Language (PL) classroom to avoid linguistic bias associated with the common practice of prioritizing Traditional Grammar (TG). The overall objective is to investigate how elementary school teachers who teach Portuguese conceive and approach language variation in their classes at a public school in Fortaleza. They understand content on linguistic variation, with an emphasis on beliefs and actions, based on a teaching sequence (DS) structured around the textual genre "Invitation," aiming at inclusive pedagogical practices. The theoretical foundation is based on Sociolinguistics (Labov) and authors such as Antunes, Bagno, Bortoni-Ricardo, and Martelotta. Methodologically, this is a qualitative,

descriptive, and applied action research, with a teaching sequence proposed by Dolz, Noverraz, and Schneuwly. This research is relevant because it aims to discuss a proposal that we believe is significant for the quality of teaching: thinking about language and its linguistic variations, promoting critical literacy through different textual genres.

Keywords: Teacher Training. Portuguese Language. Linguistic Variation. Teaching Sequence. Invitation.

RESUMEN

Este estudio aborda la necesidad de incorporar la variación lingüística en las clases de lengua portuguesa (LP) para evitar los prejuicios lingüísticos asociados a la práctica habitual de privilegiar la gramática tradicional (GT). El objetivo general es investigar cómo los profesores de los primeros cursos de la enseñanza primaria que imparten lengua portuguesa conciben y abordan la variación lingüística en sus clases en una escuela pública de Fortaleza, comprenden los contenidos sobre la variación lingüística, con énfasis en las creencias y acciones, a partir de una secuencia didáctica (SD) estructurada en torno al género textual Invitación, con miras a prácticas pedagógicas inclusivas. La base teórica se apoya en la sociolingüística (Labov) y en autores como Antunes, Bagno, Bortoni-Ricardo y Martelotta. Metodológicamente, se trata de una investigación-acción cualitativa, descriptiva y aplicada, con una secuencia didáctica propuesta por Dolz, Noverraz y Schneuwly. Esta investigación es relevante, ya que pretende discutir una propuesta que nos parece significativa para la calidad de la enseñanza, el pensamiento sobre la lengua y sus variaciones lingüísticas, promoviendo una alfabetización crítica a través de diferentes géneros textuales.

Palabras clave: Formación Docente. Lengua Portuguesa. Variación Lingüística. Secuencia Didáctica. Invitación.

1 INTRODUÇÃO

O ensino da Língua Portuguesa encontra-se em constante transformação, impulsionada por elementos linguísticos, sociais e políticos, acompanhando a evolução dos falantes e suas interações sociais. As transformações linguísticas, embora notadas pelos falantes, são frequentemente equivocadamente classificadas como "erros" em razão da carência de conhecimento sociolinguístico e da valorização excessiva da Gramática Tradicional (GT), legada por modelos históricos elitistas.

Essa perspectiva preconceituosa diminui o valor das variações linguísticas, desconsiderando sua legitimidade e função na comunicação. É responsabilidade da escola reestruturar sua abordagem pedagógica, proporcionando uma educação linguística crítica e consciente, que capacite os alunos a utilizar a língua de maneira apropriada em diversos contextos, sem preconceitos.

Barthaburu (2021) afirma que toda língua se modifica conforme os diversos aspectos históricos, culturais e sociais nos quais está inserida. Faz alusão à Sociolinguística Variacionista conforme Labov (1996, 2006, 2008), destaca que a variação é uma característica essencial de toda língua., a utilização desse recurso não indica, de fato, uma incapacidade do interlocutor, mas sim uma vaiedade na amplitude de suas habilidades linguísticas.

Já Semczuk (2019) expõe em sua dissertação a importância do educador na condição de formador, sobre a necessidade de se conscientizar quanto à aquisição do código escrito, contudo destaca o aspecto da oralidade, uma vez que os diferentes gêneros orais permitem uma abordagem eficaz sobre a diversidade linguística, esclarecendo assim, a utilização de variantes linguísticas que possuem menor prestígio social, permitindo ao educador, por meio de formações continuadas, compreender a linguística como sistema heterogêneo.

O ensino da Língua Portuguesa nos primeiros anos do Ensino Fundamental depara-se com o desafio histórico de ultrapassar uma perspectiva excessivamente normativa, que permanece profundamente arraigada na Gramática Tradicional.

Esse modelo, que é um legado de processos coloniais e elitistas, com frequência ignora a riqueza e a legitimidade das variedades linguísticas que fazem parte do cotidiano dos estudantes, particularmente em contextos públicos e socioeconomicamente variados. Esse afastamento entre a norma estabelecida e as práticas efetivas de comunicação pode acentuar preconceitos linguísticos e impedir o aprimoramento de uma habilidade comunicativa genuína e crítica nas crianças.

Neste contexto, a variação linguística surge não como um desvio ou um obstáculo, mas como um fenômeno natural, de relevância social, que deve ser entendido e apreciado sob uma perspectiva pedagógica.



2 REFERENCIAL TEÓRICO

O Município de Fortaleza enfrenta uma série de desafios no setor educacional, sendo que um dos principais é a urgente necessidade de integrar de forma adequada a variação linguística no ensino da Língua Portuguesa. Para que essa metodologia seja implementada com eficácia, é imprescindível que os educadores disponham de uma formação continuada, que os habilite a abordar esse conteúdo de maneira crítica e pedagógica.

A educação deve reconhecer e valorizar a diversidade de variações linguísticas, com o objetivo de fortalecer a competência comunicativa dos alunos e prepará-los para interagir em diversos ambientes sociais. Sob a perspectiva teórica, a Sociolinguística dedica-se ao exame da diversidade linguística, entendida não como um acaso, mas como um fenômeno cultural moldado por fatores tanto linguísticos quanto extralinguísticos.

É pertinente analisar de que maneira a formação de professores tem favorecido o desenvolvimento de leitores críticos e socialmente aptos, habilitados a transitar entre diferentes variantes da língua. Dessa forma, debate-se a relevância de o educador familiarizar-se com as variações linguísticas, a fim de ressignificar suas práticas, transcendendo perspectivas rigidamente estabelecidas e propiciando uma educação mais inclusiva, eficiente e contextualizada.

2.1 FUNDAMENTOS DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS ANOS INICIAIS: CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA

A instrução em Língua Portuguesa nos primeiros anos do Ensino Fundamental representa uma fase fundamental para a formação das habilidades linguísticas, discursivas e comunicativas dos alunos. É neste estágio que os procedimentos de letramento introduzem os indivíduos ao domínio da escrita e dão início a um percurso de formação social por meio da linguagem. Nesse cenário, a apreensão da variação linguística se revela fundamental para uma pedagogia que se caracteriza pela inclusão, ética, interatividade e crítica.

Esta subseção tem a finalidade de abordar os princípios do ensino de Língua Portuguesa nos Anos Iniciais, sustentando-se em uma perspectiva que reconhece e valoriza as diferentes variedades linguísticas dos estudantes apontando considerações acerca de um ensino orientado para a formação cidadã, sendo fundamental que o professor possua clareza em relação à concepção de língua que norteia sua prática pedagógica.

A visão de língua que um educador adota influencia diretamente sua prática em sala de aula. Ao elaborar a abordagem pedagógica para o ensino da língua materna, o docente enfrenta questões essenciais: de que forma ensinar e qual é o propósito dessa prática? Caso já sejamos falantes nativos, qual seria o propósito de aprender português na instituição de ensino? Essas questões requerem que o docente considere, em colaboração com os estudantes, a relevância de expandir o conhecimento da

língua — não apenas no papel de falante, mas como um usuário crítico e multifacetado. À medida que se adquire um maior domínio sobre as diversas variantes da língua, a competência comunicativa em distintas circunstâncias sociais se torna mais expressiva.

Nessa perspectiva, Geraldi (1984) reconhece três formas de linguagem: i) linguagem/expressão do pensamento – essa forma vem desde a tradição da gramática grega a meados do século XX; ii) linguagem como instrumento de comunicação – essa forma vem desde os estudos de Saussure (1916 a 1960); iii) linguagem como processo de interação – essa forma surgiu desde os anos 1960 até a atualidade.

Cada uma associada a períodos históricos específicos e influenciada por tradições teóricas. Essa classificação não é meramente cronológica, mas reflete uma progressão paradigmática: da linguagem como mera expressão interna para uma visão mais dinâmica e interativa. A seguir, dissertarei sobre cada uma dessas formas, contextualizando-as historicamente, explicando seus pressupostos teóricos e discutindo suas implicações para o estudo da linguística e da educação. Utilizarei uma abordagem analítica, destacando como essas concepções evoluíram e se inter-relacionam, com base na perspectiva de Geraldi.

A primeira abordagem ressaltada por Geraldi refere-se à ideia de que a linguagem é uma expressão externa do pensamento interno. Tal perspectiva fundamenta-se na tradição da gramática da Grécia Antiga, especialmente nas obras de pensadores como Platão e Aristóteles, os quais entendiam a linguagem como um meio para articular ideias lógicas e racionais.

Para os helênicos, a linguagem estava intrinsicamente conectada ao lógos (razão), atuando como um reflexo do universo das ideias. Tal perspectiva perdurou ao longo da Idade Média e do Renascimento, exercendo influência sobre gramáticas normativas que destacavam aspectos racionais e a precisão formal, a exemplo das gramáticas latinas fundamentadas em Donato e Prisciano.

Durante o século XIX e no início do XX, essa concepção foi fortalecida por correntes como o estruturalismo primitivo e a gramática convencional, que enfatizavam a análise da língua enquanto um sistema de signos destinado à representação de conceitos mentais.

Geraldi destaca que essa abordagem prevaleceu até a metade do século XX, período em que a atenção se dirigia à norma culta e à educação linguística como método para aprimorar o raciocínio.

Conforme Geraldi, a segunda forma emerge a partir das pesquisas de Ferdinand de Saussure, cujo Curso de Linguística Geral, publicado postumamente em 1916, representa uma mudança paradigmática. Saussure estabelece a diferenciação entre *langue* (a língua enquanto sistema abstrato e social) e *parole* (a utilização individual da língua), enfatizando a linguagem como um meio de comunicação social. Essa perspectiva se desenvolve até a década de 1960, sendo influenciada pelo estruturalismo de Saussure, que considera a língua como um sistema de signos arbitrários (significante e significado) empregados para a comunicação entre os falantes.

Durante esse período, a linguística assume um caráter mais científico, enfatizando a estrutura da língua como um instrumento de troca de informações. Influências subsequentes, como as de Leonard Bloomfield nos Estados Unidos (com o seu behaviorismo linguístico) e do Círculo de Praga na Europa, corroboram esta concepção: a linguagem funciona como uma ferramenta para codificar e decodificar mensagens, assemelhando-se a um sistema de sinais.

Geraldi salienta que essa abordagem constitui um progresso em relação à versão anterior, na medida em que integra o aspecto comunicativo, reconhecendo que a linguagem não se limita a uma expressão interna, mas funciona como um instrumento para a interação social.

A terceira e mais atual concepção, surgida na década de 1960, entende a linguagem como um processo dinâmico e negociado de interação. Esta ótica é moldada por teorias pragmáticas e sociolinguísticas, conforme as de J.L. Austin (atos de fala) e John Searle, juntamente com as contribuições de Mikhail Bakhtin (diálogo e polifonia) e da linguística aplicada.

Geraldi relaciona essa transformação ao cenário pós-estruturalista, no qual a linguagem não é considerada um instrumento estático, mas sim uma prática social em contínua elaboração, influenciada pelo contexto, pelas dinâmicas de poder e pelas interações entre indivíduos.

Neste entendimento, a linguagem emerge na interação: os falantes não se limitam a transmitir informações, mas constroem significados de maneira coletiva, moldados por aspectos como gênero, classe social e cultura.

A partir da década de 1960, com o surgimento da linguística textual, da análise do discurso, influenciada por Michel Foucault, e da etnografia da comunicação, proposta por Dell Hymes, a atenção concentra-se na utilização efetiva da língua em contextos cotidianos.

Geraldi, na qualidade de educador, implementa essa abordagem no ensino ao afirmar que a sala de aula deve facilitar interações genuínas, nas quais os estudantes elaboram textos e discursos em contextos relevantes.

2.2 A PERSPECTIVA DOS GÊNEROS TEXTUAIS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

A instrução em Língua Portuguesa, alicerçada na perspectiva dos gêneros textuais, tem se consolidado como uma metodologia pedagógica consistente e eficiente, uma vez que relaciona o aprendizado da língua às realidades socioculturais e linguísticas dos alunos.

Ao colocar os gêneros como foco principal do ensino, a atuação em sala de aula vai além da análise de estruturas gramaticais isoladas e passa a valorizar a língua em seu uso autêntico, integrada a contextos de comunicação com objetivos sociais claramente estabelecidos.

Essa perspectiva fundamenta-se em uma robusta base teórica, particularmente na concepção interacionista da linguagem proposta por Bakhtin (2003). Para o teórico, toda afirmação é dialógica,

elaborada em resposta a outras e prevendo reações subsequentes. Dentro desse contexto, os gêneros do discurso configuram as maneiras que estruturam e solidificam a comunicação social. “Cada esfera da atividade humana desenvolve seus próprios gêneros relativamente estáveis. [...] Os gêneros do discurso organizam e estabilizam as formas de comunicação”. Bakhtin (2003, p. 279)

Em consonância com essa premissa, Marcuschi (2008) caracteriza os gêneros textuais como manifestações comunicativas que surgem das práticas sociais. Ele enfatiza que ensinar com base nesses gêneros é tratar a linguagem em sua forma mais genuína:

Os gêneros textuais são eventos comunicativos com função específica, estrutura característica e que podem ser reconhecidos em contextos determinados. Ensinar sobre a língua a partir dos gêneros é, assim, ensinar a linguagem em sua essência vibrante e em transformação contínua. (Marcuschi, 2008, p. 155).

A fim de implementar essa perspectiva teoricamente sólida no contexto educacional, a sugestão das sequências didáticas, elaborada por Dolz e Schneuwly (2004), apresenta uma abordagem metodológica definida. A educação está organizada em fases cuidadosamente elaboradas — incluindo a introdução da situação comunicativa, a avaliação de exemplos do gênero e a elaboração final pelo aluno, possibilitando que o discente entenda não somente como redigir um texto, mas também **por que** e **para que** ele é eficaz em um contexto específico.

A importância dessa metodologia é confirmada por documentos orientadores da educação no país, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O documento orienta que o trabalho com os gêneros textuais, tanto orais quanto escritos e multissemióticos, nas práticas de linguagem, visa fomentar a aprendizagem dos usos da língua em diversos contextos de produção e circulação dos textos (Brasil, 2018).

Dessa forma, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece os gêneros como um elemento central para integrar leitura, escrita, oralidade e análise linguística, considerando a diversidade de usos e as diferentes intenções comunicativas.

Em síntese, a instrução em Língua Portuguesa através dos gêneros textuais visa a formação de indivíduos proficientes na linguagem, aptos a compreender, produzir e intervir de maneira crítica nas variadas circunstâncias comunicativas da vida em sociedade. Ao implementar essa abordagem, o educador fomenta um aprendizado que é significativo, reflexivo e que se relaciona com a historicidade e a diversidade da língua.

A baseada em gêneros textuais promove práticas educacionais inclusivas à abordagem didática possibilitar que os estudantes se manifestem com base em suas vivências e acervos socioculturais. Em lugar de estabelecer um único padrão linguístico, essa proposta aceita variadas maneiras de se expressar e redigir, reconhecendo-as como autênticas e significativas.

Ao abordar gêneros textuais e as temáticas presentes no cotidiano que fazem parte da vida dos

estudantes, como convites, bilhetes, recados e cartas, o docente proporciona oportunidades para que os alunos se percebam como criadores de textos autênticos, envolvidos ativamente em práticas sociais de letramento. Isso favorece a expansão da habilidade linguística dos alunos e a formação de um ambiente escolar mais democrático. Bortoni-Ricardo (2004)

Assim, a discussão sobre os gêneros textuais, no ambiente de ensino de língua portuguesa, não só representa uma decisão metodológica apropriada, como também se constitui em uma estratégia para fomentar práticas pedagógicas inclusivas, ao reconhecer e valorizar a diversidade linguística, cultural e social dos estudantes.

Sob essa ótica, ao refletir sobre os gêneros em sua dimensão social, o educador dispõe da oportunidade de tratar das variações linguísticas de maneira contextualizada e analítica. Facilitando que os estudantes compreendam que a linguagem se adapta em função do contexto comunicativo, da intenção comunicativa e dos participantes da interação.

3 METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida com base em uma abordagem qualitativa, por permitir compreender de forma mais profunda as percepções dos professores sobre a variação linguística no ensino fundamental. O estudo buscou observar e descrever como os docentes reconhecem e trabalham as diferentes formas de uso da língua em sala de aula, considerando o contexto sociocultural dos alunos.

O campo de pesquisa foi uma escola pública municipal de Fortaleza, que atende turmas dos anos iniciais do ensino fundamental. Participaram da investigação professores de Língua Portuguesa que aceitaram contribuir de forma voluntária, fornecendo informações sobre suas práticas e concepções linguísticas. A escolha dessa escola se deu por ser um ambiente em que há grande diversidade linguística entre os alunos, o que possibilitou uma análise mais rica das práticas pedagógicas.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com os professores e da observação de aulas, permitindo identificar de que forma a variação linguística aparece nas atividades e nas correções realizadas em sala. As observações foram registradas em diário de campo e analisadas posteriormente, buscando compreender a relação entre o discurso dos docentes e suas ações pedagógicas.

Após a coleta, as informações foram organizadas e analisadas por meio de categorização temática, identificando pontos comuns nas falas e atitudes dos professores. Essa análise possibilitou perceber como a concepção de língua e de norma influencia o ensino e como a escola pode atuar para valorizar a diversidade linguística dos alunos.

Toda a pesquisa respeitou os princípios éticos, garantindo o anonimato dos participantes e a

confidencialidade das informações obtidas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados da pesquisa confirmam o que a fundamentação teórica já indicava: a escola ainda mantém práticas fortemente influenciadas pela Gramática Tradicional, mesmo quando os professores demonstram compreender a importância da variação linguística. Assim como defende Geraldi (1984), a linguagem precisa ser entendida como processo de interação, e não apenas como um conjunto de regras fixas. Contudo, observou-se que, na prática docente, ainda prevalece a concepção de língua como instrumento de correção, o que restringe a participação dos alunos e reforça o preconceito linguístico.

Durante a aplicação da sequência didática baseada no gênero convite, inspirada em Dolz e Schneuwly (2004), houve mudanças positivas. Os professores passaram a perceber que o trabalho com gêneros textuais facilita a reflexão sobre os diferentes usos da língua em contextos sociais reais, o que está em consonância com Bakhtin (2003) e Marcuschi (2008). Para esses autores, os gêneros são práticas sociais que revelam a diversidade linguística e cultural dos sujeitos. A experiência com a SD possibilitou que os docentes enxergassem a variação não como erro, mas como um fenômeno natural da comunicação.

Os resultados também dialogam com a visão de Labov (2008), para quem a variação é parte constitutiva da língua e reflete fatores históricos e sociais. Nas observações feitas, percebeu-se que as falas dos alunos traziam marcas regionais e populares, e que a postura dos professores começou a se tornar mais aberta a essas expressões à medida que compreendiam o valor social das variantes. Essa mudança de olhar contribui para a construção de uma prática pedagógica mais inclusiva, conforme orienta a BNCC (2018), ao reconhecer a diversidade como princípio fundamental do ensino de Língua Portuguesa.

Por fim, o estudo revelou que a formação docente ainda é um desafio, pois muitos professores relataram não se sentirem preparados para trabalhar o tema da variação linguística em sala. Assim, reafirma-se a necessidade de programas de formação continuada, que unam teoria e prática, para que o professor possa atuar com consciência sociolinguística, como sugerem Antunes (2003) e Bortoni-Ricardo (2004).

Em síntese, os resultados demonstram que o ensino de Língua Portuguesa nos anos iniciais pode se tornar mais significativo quando o professor reconhece a pluralidade linguística dos alunos e utiliza metodologias que valorizam a realidade comunicativa da turma. Isso reafirma a importância de uma escola que ensine a norma-padrão sem negar as outras formas de falar, contribuindo para um aprendizado mais crítico, democrático e humanizado.



5 CONCLUSÃO

É evidente que a abordagem da variação linguística nos anos iniciais do Ensino Fundamental representa um domínio complexo, caracterizado por uma discrepância considerável entre as convicções teóricas dos educadores e suas práticas pedagógicas habituais.

A forma como os educadores percebem a diversidade da língua portuguesa e de que forma tais percepções se refletem nas práticas pedagógicas em sala de aula. Apesar de diversos educadores reconhecerem verbalmente a legitimidade das distintas variedades linguísticas, a prática em ambiente escolar ainda se mostra majoritariamente normativa, concentrando-se na correção e na valorização excessiva da norma-padrão. Isso evidencia um desafio contínuo para a superação do preconceito linguístico.

Diversos educadores são impactados tanto pela sua formação acadêmica quanto pelas suas experiências pessoais como usuários da língua. Entretanto, na implementação prática, o temor de não preparar os alunos de maneira satisfatória para as demandas sociais e avaliativas, aliado à influência de uma tradição escolar tradicional, resulta na apresentação da norma-padrão não como uma variedade a ser assimilada, mas como a única maneira correta de se comunicar.

Embora essa abordagem tenha boas intenções, ela resulta em silenciamento e estigmatização das variedades linguísticas que os estudantes trazem de seus contextos socioculturais, o que afeta de forma adversa sua autoestima, identidade e o próprio processo de aprendizado.

Assim, com um compromisso ativo e refletido será possível construir uma escola verdadeiramente inclusiva e democraticamente comprometida com a pluralidade da língua portuguesa.

AGRADECIMENTOS

Seção opcional, onde o autor pode agradecer às agências financiadoras, ou outro tipo de agradecimento aplicável.



REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de língua sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso. Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.277-326.
- BARTHABURU, Fernanda Palhares Carvalho. **Contribuições da sociolinguística para o ensino de língua portuguesa na educação básica: uma proposta de intervenção a partir da observação da concordância de número**. Uberlândia 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: MEC, 2018.
- GERALDI, João Wanderley **O texto na Sala de Aula** Organizador. 1984.
- LABOV, W.1969. **“The logic of nonstandard English”** Philadesphia. University of Pennsylvania Press.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008. [Trad. rcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Cardoso].
- MARCUSCHI. **O pilar da linguística aplicada: Como definir e entender os gêneros textuais no contexto brasileiro**. 2008.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2011
- SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. **Gêneros Orais e escritos na escola**. Trad. e org. ROJO, Roxane; CORDEIRO, Gláís S. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.
- SEMCZUK, Wellem Aparecida. **A abordagem da oralidade e a formação docente nos anos iniciais: desafios e possibilidades**. Londrina, 2019.